

AS GUERRAS PENINSULARES NA MÚSICA PORTUGUESA

David Cranmer

No campo da música erudita, os efeitos mais profundos das invasões francesas, de 1807 a 1810, não se sentiram de imediato. A fuga da família real portuguesa para o Brasil e a tomada de Lisboa pelas tropas de Junot, em Novembro de 1807, longe de produzir um colapso na vida artística da capital, resultaram meramente numa mudança de direcção, pois a missão francesa não era apenas militar e económica mas, em todos os sentidos, política.

No caso específico do Teatro de São Carlos, por exemplo, o libreto da ópera *Ifigenia in Aulide*, do compositor italiano Luigi Giannella (?1778-1817), representada em estreia absoluta a 16 de Janeiro de 1808, deixa a nova política bem clara.¹ Num *Avertissement*, o libretista, Stefano Vestris, afirma como se esforçara para escrever um texto adequado à nova situação em que o teatro «livré à la saine critique de la raison, et du goût, pourrait sortir de l'état d'abjection dans le quel il se trouve maintenant.»²

O mais prestigiado compositor português da época, Marcos Portugal (1762-1830), foi, aparentemente, obrigado pelas autoridades francesas a assumir o cargo de *maestro* do Teatro, onde reviu substancialmente a sua ópera *Demofonte* para celebrar o aniversário natalício de Napoleão, a 15 de Agosto.³ Contudo, no dia 30 do mesmo mês, na sequência da derrota das tropas francesas na Batalha do Vimeiro, foi assinado o Tratado de Sintra, e em meados de Setembro Lisboa viu-se libertada pelas tropas inglesas e portuguesas, criando, assim, uma nova situação bastante diferente. Os ingleses não trouxeram consigo qualquer política artística e cultural. Por via de

¹ O compositor, normalmente residente em Paris, viajara para Lisboa com o objectivo de presenciar a estreia.

² O único exemplar conhecido do libreto existe no fundo Carvalhaes, na Biblioteca do Conservatorio di Santa Cecilia, em Roma.

³ Marcos Portugal, apesar das suas fortes ligações com o Príncipe Regente, D. João, não partiu para o Brasil com a família real, chegando a emigrar para este país apenas em 1811.

exemplo, com o fim da temporada de ópera na Carnaval de 1809, a ópera deixa de ser o foco musical da capital, tornando-se menos frequentes as representações e de mais reduzida qualidade⁴ – uma situação que se iria manter até finais de 1812.

No entanto, é precisamente com a libertação de Lisboa que surgem outras manifestações musicais. Em primeiro lugar, encontramos uma série de odes, elogios e cantatas dramáticas executadas nos teatros. A *Breve descrição dos espectáculos, que a Companhia Nacional do Theatro da Rua dos Condes oferece gratuitamente ao publico pelo motivo da feliz restauração*, editada em Setembro de 1808, refere um novo drama alegórico à feliz restauração de Portugal, com música de João José Baldi (1770-1816), um dos principais compositores portugueses do seu tempo.⁵ Foi editado igualmente em Lisboa, em 1808, um drama heróico, *Ulissea libertada*,⁶ com texto da autoria de Miguel António de Barros e música de autor desconhecido, entretanto perdida. Um exemplar do libreto deste drama terá chegado ao Rio de Janeiro, pois nesta cidade, onde residia a família real portuguesa, no exílio, o mestre de capela da Capela Real, Pe. José Maurício Nunes de Garcia (1767-1830), compôs uma nova versão da música para celebrar o dia onomástico do Príncipe Regente, a 24 de Junho de 1809. Conserva-se a partitura desta versão no fundo musical do Palácio Ducal de Vila Viçosa.⁷ Ainda em 1808, para celebrar o aniversário da Rainha, D. Maria I, a 17 de Dezembro, Pietro Carlo Guglielmi (1763-1817) compôs uma cantata, sem título.⁸ Caso único na história do Teatro de S. Carlos, o libreto foi impresso numa versão trilingue: não apenas nos habituais italiano e português, mas igualmente em versão inglesa.

Para além destas obras executadas nos teatros, foram compostas outras para celebrações noutros contextos. Existem, na Biblioteca Nacional, duas partituras de peças deste tipo da autoria de Marcos Portugal.⁹ A primeira, dedicada ao Marquês de Vagos,¹⁰ é um *Hymno de agradecimentos a Lord*

⁴ Os cantores principais e compositor, P. C. Guglielmi, partiram para Londres, onde foram contratados pelo King's Theatre.

⁵ Existem vários exemplares deste documento na Biblioteca Nacional, Lisboa; encontra-se um exemplar igualmente na Sala Dr. Jorge de Faria, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

⁶ O libreto encontra-se no Fundo do Teatro de S. Carlos, na Biblioteca Nacional, Lisboa.

⁷ Com a cota G prática 13.

⁸ Existente na Biblioteca Nacional (cota L5776P) e na Sala Dr. Jorge de Faria, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

⁹ Agradeço ao Dr. António Jorge Marques por me ter chamado a atenção para estas partituras.

¹⁰ Nuno da Silva Telo e Meneses (1745-1813), 2.º Marquês, gentil-homem da câmara da rainha D. Maria I, no Brasil, entre outros cargos.

Wellington. De reduzidas proporções e para reduzidos recursos – apenas 44 compassos para soprano solista, mais duas vozes femininas e ‘fortepiano’ – trata-se de uma marcha, no estilo italiano típico do período. Visto que o Coronel Arthur Wellesley só recebeu o título de Lord Wellington após a batalha de Talavera, em Julho de 1809, esta obra terá sido composta nesse ano ou em 1810. A outra peça do mesmo compositor, uma *Cantata em louvor de Lord Wellington*, visto que refere as batalhas de Talavera, Vimeiro e Bussaco, datará do ano de 1810. Para uma voz de soprano, com acompanhamento de ‘fortepiano’, é constituída por uma introdução instrumental, seis estrofes, e uma conclusão com o seguinte e imortal texto de louvor a Wellington e ao Marechal Beresford:

E Lísia reconhecida
A Wellington e Bresfor
Abre mil cofres de Amor,
Que já mais se hão de esgotar.

João Domingos Bomtempo (1775-1842), que esteve em Paris ao longo dos anos das incursões francesas na sua terra natal, mudando para Londres em 1810, foi autor de um *Hymno Lusitano*, editado nesta cidade em 1811.¹¹ Esta cantata possui a estrutura de uma cena operática: introdução para coro, recitativo para solista, cavatina, secção de ponte e ária, com intervenções do coro, sobretudo no final. Originalmente em português e com acompanhamento de orquestra, foi traduzida para italiano por Giuseppe Caravita, poeta do Teatro de S. Carlos entre 1799 e 1810, mas a partir de 1811 poeta do King’s Theatre, em Londres, com o acompanhamento adaptado para piano pelo compositor. Nesta versão, com o novo título *La virtù trionfante*, foi publicada igualmente em Londres, em 1811/12, com uma segunda edição em 1813/14.¹²

Para além da supracitada *Ulissea libertada*, do Pe. José Maurício, a Biblioteca Ducal de Vila Viçosa possui uma obra representante de outro aspecto da música portuguesa nesta época: composições que de uma forma ou outra procuram descrever ou representar as batalhas e cercos da Guerra. A obra em questão, uma marcha intitulada *A Defeza de Saragoça*, foi composta em 1812 por Fortunato Mazzioti (?-?) e dirá respeito a um ou outro dos

¹¹ Op. 10. Ver Alvarenga, João Pedro de (ed.), *João Domingos Bomtempo 1775-1842*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros – Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993, p. 154.

¹² *Id.*, pp. 154-55. N.B. O único exemplar conhecido da 2.^a edição, na Biblioteca Nacional, possui a cota C.I.C. 66 V, não pertencente ao Fundo Conde de Redondo como indicado por Alvarenga, *op. cit.*

cercos de Saragossa,¹³ em 1808 e 1809. Desconhece-se o contexto para o qual o autor a escreveu, mas uma das hipóteses é que tenha sido inserida num bailado.

Francisco da Fonseca Benevides, no seu *O Real Theatro de São Carlos de Lisboa*,¹⁴ cita uma série de bailados bélicos representados neste teatro entre 1809 e 1811. Numa época que não conhecia reportagens com imagens do campo de batalha na televisão (como hoje em dia), nem no cinema (como na 2.ª Guerra Mundial), apenas no palco do teatro teria sido possível, de certa forma, experimentar os conflitos da Guerra. Por outro lado, a noção de uma batalha em música existe nas tradições europeias desde o século XVI, ganhando uma certa importância no século XVIII e com as Guerras Napoleónicas, no início do século XIX, quando Beethoven contribuiu para este género com a sua *Batalha de Vittoria*.¹⁵

No Teatro de São Carlos, encontramos os bailados *A batalha do Vimeiro*, em 1809,¹⁶ repetida em 1815, eventualmente com uma coreografia revista, *Os patriotas de Aragão ou o triunfo da Palafox*,¹⁷ *O 1.º triunfo da Espanha ou o rendimento de Dupont*¹⁸ e *A restauração do Porto ou Um dos triunfos do herói Wellesley*¹⁹ (todos 1810), e *A defesa da ponte de Amarante por Silveira*²⁰ (1811). A fonte usada por Benevides para esta informação foi a *Gazeta de Lisboa*, não tendo sido impresso qualquer libreto, nem sobrevivido qualquer música. Apenas podemos conjecturar o drama que se terá desenrolado no palco e a música que terá saído do fosso da orquestra.

Sendo assim, torna-se de uma importância fundamental para a história da música portuguesa uma composição para piano de António José do Rego (c. 1765-após 1844), intitulada *Batalha do Bussaco: peça militar, e historica para forte-piano*, publicada em 1811.²¹ Um exemplar deste impresso,

¹³ Com a cota G prática 84a. Mazzioti emigrou para o Brasil em 1808.

¹⁴ Lisboa, Typographia Castro e Irmão, 1883. Ver págs. 101-103.

¹⁵ *Wellingtons Sieg oder Die Schlacht bei Vittoria*, Op. 91, composta em 1813.

¹⁶ 25 Outubro; ver Benevides, *op. cit.*, p. 101.

¹⁷ 6 de Julho de 1810; *id.*, p. 102.

¹⁸ 17 de Agosto de 1810; *id.*, p. 103.

¹⁹ 5 Setembro de 1810; *id.*, *ibid.*

²⁰ 16 de Janeiro de 1811, repetido no dia 21; *id.*, *ibid.*

²¹ *BATALHA DO BUSSACO. * / PEÇA MILITAR, E HISTORICA / PARA FORTE-PIANO / DEDICADA AO VALLOR, E GLORIA / DO EXERCITO ANGLO-LUZO, / E DO SEU CHEFE / O Ill[ustrissi]mo e Ex[cellentissi]mo Lord / Visconde Wellington. / CONDE DO VIMEIRO, CAVALLEIRO DA ORDEM DO BA- / NHO, GRAM CRUZ DA ORDEM DA TORRE, E ESPADA. / Por / Antonio Joze do Rego, Criado de S[ua] A[lteza] R[eal]. / LISBOA / Na Officina da Rua das Parreiras, junto ao Convento de Jesus.N.19. / Carv[alh]o a fez. em Lx.ª [Lisboa] em 1811. *Em 27 de Setembro de 1810*

aparentemente único, foi adquirido há três anos pelo Centro de Estudos Anglo-Portugueses desta Faculdade, na sequência do leilão da biblioteca do falecido José Blanc de Portugal. Tomando como ponto de partida o ofício enviado por Wellington, e publicado na *Gazeta de Lisboa* de 3 de Outubro de 1810,²² Rego descreve em música os principais momentos da batalha, indicando na partitura precisamente o que descreve, com nomes de oficiais e regimentos, avanços e retiradas, canhões e gemidos, marcha e ordem no princípio, vitória e marcha no fim.

²² *Gazeta de Lisboa*, N.º 237, Quarta-feira 3 de Outubro de 1810, pp. 2-8. A narrativa principal, que o compositor aproveitou, aparece no último parágrafo da pág. 3 e na pág. 4.